

## Esboço de uma antropologia teológica do Santo Daime<sup>1</sup>

Fernando Peres

A Ayahuasca, psicoativo da cultura indígena e campesina da Amazônia ocidental, expandiu-se para o Brasil e o mundo graças a curiosidade de Raimundo Irineu Serra de, ingerindo-a, encontrar o senhor das trevas<sup>2</sup>. Para sua surpresa, em lugar do Demônio, recebeu a Virgem da Conceição, a mãe de Jesus; ela renomeou a Ayahuasca como Santo Daime e mudou as técnicas de preparo da bebida e a natureza do seu emprego, transformando-a em sacramento, em hóstia.<sup>3</sup>

A metamorfose operada pela Rainha da Floresta manteve a crença da cultura ameríndia no poder da bebida vincular, quem a toma, ao transcendente; é impossível dissertar sobre ela sem considerar o sagrado. A Virgem Maria associou a Ayahuasca à tradição cristã em uma experiência religiosa cujos fundamentos e objetivos estão publicados nas letras do hinos ofertados pela Rainha, por efeito mesmo da bebida, a Irineu Serra e a alguns dos seus seguidores.

Os hinos, recebidos do astral, separam a espiritualidade do Santo Daime da Ayahuasca índia e a associam à Revelação automanifestação do Divino, vinculando o Daime à historicidade judaica e cristã. Nos hinos se inscreve a teologia do Daime, eles desvelam a vocação de Irineu Serra, sua missão; esquecida a música, as diferenças culturais e religiosas são eclipsadas ou aceitas como simplesmente secundárias ou uma expressão particular para uma essência comum como se a continuidade entre o Daime e o xamanismo fosse um fato.<sup>4</sup>

### I

Quando do primeiro Encontro Internacional da Ayahuasca na Universidade Federal do Acre, Amazônia ocidental brasileira, em 1992, as irmandades do Santo Daime (Alto Santo, Cefluris e Barquinha) e da União do Vegetal, expressaram sua crença no dogma básico da Cristandade: a Santíssima Trindade<sup>5</sup> e o culto e o louvor à Virgem Maria. Muitos anos antes desse encontro o Padrinho Irineu comentara ser inadequado o termo “daimista” para os membros da sua comunidade “porque o Daime é católico”<sup>6</sup>, negando assim ter fundado uma religião; o uso por ele do termo irmandade para definir sua associação atesta o fato. Como quase tudo do Santo Daime

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado na II Conferência Mundial da Ayahuasca, que ocorreu de 17 a 22 de outubro de 2016, em Rio Branco, Acre.

<sup>2</sup> Cf. o orador oficial do Padrinho Irineu, sr. Luís Mendes do Nascimento e de outros companheiros como Francisco Granjeiro; Irineu Serra esperava encontrar o demônio porque assim o povo dizia: quem tomasse a bebida abria o inferno.

<sup>3</sup> Toda a bibliografia sobre Irineu Serra destaca este aspecto. Considerei contudo a informação dada pelos hinos, recebidos por ele e por vários de seus seguidores onde a manifestação da Virgem Maria é constantemente reiterada.

<sup>4</sup> Edward MacRae encerra seu livro, *Guiado pela lua – Brasiliense*, São Paulo, 1992, pág. 141, sobre o Santo Daime com a seguinte assertiva: “Neste trabalho foi visto que a origem das práticas e concepções do Santo Daime remontam a antigas tradições dos povos indígenas deste continente.” Na mesma página reitera: “os rituais (do mestre Irineu) mantinham-se na tradição xamânica de uso de enteógenos (...)”

<sup>5</sup> São 3 poderes, são 3 amores/ são 3 luzes, são 3 primores/ O mestre que nos ensina/ a ele nos entregou / São 3 vidas e um só resplendor/ do meu Pai Criador/ Agora junte eles todos/ E reduz em um só amor – Hino 35 recebido por João Pereira, amigo e seguidor de Irineu Serra.

<sup>6</sup> Cf. o sr. Luis Mendes do Nascimento, orador oficial do Padrinho Raimundo Irineu Serra e Dona Percília Matos, secretária pessoal do Padrinho Irineu Serra. A religiosidade do Daime é, contudo, absolutamente autônoma.

foi revelado, a definição de sua comunidade como uma irmandade nasceu quando Irineu Serra ouviu um de seus seguidores narrar ter presenciado a execução dos seus hinos no astral, em outra dimensão, onde eram dados vivas, antes de alguns hinos, aos seres divinos e a toda irmandade<sup>7</sup>. Estas informações foram desconsideradas talvez porque desconhecidas ou devido ao repúdio natural dos intelectuais à religião, em seu lugar conceitos como o de xamanismo, da religiosidade dos povos primitivos, foram empregues para decifrar a espiritualidade do Santo Daime. Presente na esmagadora maioria dos textos sobre o emprego índio e campesino da Ayahuasca a categoria foi aplicada à Revelação da Rainha da Floresta a Irineu Serra.<sup>8</sup>

O Santo Daime é um "xamanismo coletivo", as pessoas presente nestes rituais desempenhariam as funções do xamã. A proposição é paradoxal quando estendida ao legado de Irineu Serra onde predomina um entendimento do mal e da sua origem diferente da tradição mítica e mágica. O xamanismo exige do curador ou pajé ir ao astral e lutar contra a doença, entendida como uma força espiritual negativa, oriunda da feitiçaria, isto é, do outro. A fonte do mal é tangível e passível de ser descoberta e isso é a marca da religiosidade mítica e primitiva, onde é

“absolutamente necessário apontar um culpado, por improvável que seja.(Os índios jivaros) não concebem que possa haver “causas naturais” para o mal e o infortúnio, que eles em geral atribuem a ações involuntárias ou deliberadas de outros”.<sup>9</sup>

O xamanismo é magia na tipologia constituída por Frazer<sup>10</sup> para distinguir a religião do pensamento selvagem e mágico: o xamã siberiano, o pajé ameríndio e o mago, agem diretamente, sem mediação, no astral, para curar. O Daime estranha a magia – em outros aspectos, como veremos, aproxima-se dela - e reconhece em Deus a fonte do bem e do mal: “Como argila na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel! (Jr 18,6b) ou, como Isaías ouviu: “Eu formo a luz e crio as trevas, asseguro o bem estar e crio a desgraça: sim, Eu, Iahweh, faço tudo

<sup>7</sup> Organização dos leigos católicos, as irmandades da oração e da boa morte apareceram na Europa ocidental no início da era moderna. No Brasil, essas associações existem desde a colônia. Dentro da história do mestre Irineu o termo veio com a miração do irmão de Germano Guilherme, ele viu no astral os hinários sendo cantados e alguns destes hinos eram anunciados pela seguinte saudação: viva ao Divino Pai Eterno, viva Rainha da Floresta, viva Jesus Cristo Redentor, viva o Patriarca São José, viva todos seres divinos, viva o nosso chefe Império, viva toda IRMANDADE e viva o Santo Cruzeiro, a cada uma destas exclamações os participantes respondem: viva! Quando apresentou ao mestre a sua miração, o padrinho Irineu confirmou e pediu-lhe para dá-los no culto. Informação dada por Dona Percília e pelo sr. Luís Mendes.

<sup>8</sup> Ver o artigo Santo Daime: rito da ordem de Fernando de La Rocque Couto in O Uso Ritual da Ayahuasca - São Paulo: Mercado das Letras, 2002, pág. 356ss. org. por Beatriz Labate e Wladimir Sena; na parte II deste livro a maioria dos artigos associa Daime e xamanismo. Mesmo Alex Polari, um dos mais interessantes intérpretes do Santo Daime, viu na praxis de Jesus, um “cristianismo xamânico” in O Evangelho Segundo Sebastião Mota, Céu do Mapiá: Editorial Cefluris, 1998, pág. 48. Sobre a definição clássica de xamanismo, de Mircea Eliade: Yoga, imortalidade e Liberdade (sua tese de doutoramento)- São Paulo: Palas Athena, 1996, pág. 264 e tb Chamanismo y las tecnicas arcaicas del extasis, Mexico: FCE, 1982.

<sup>9</sup> Philippe Descola – As Lanças do crepúsculo: relações jivaro na Alta Amazônia – São Paulo: Cosac Naify, 2006, pág. 271. Na pág. 274 está: “Os dois princípios que governam as operações xamânicas são a exterioridade do mal e a homologia entre esta causa e o agente da cura”. Ver tb Evans- Pritchard – Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande – RJ: Zahar, 1978 cap. II; ver tb Lucien Levy-Brhul – A Mentalidade Primitiva – São Paulo: Paulus, 2008 e René Girard – O Bode Expiatório - São Paulo: Paulus, 2004. Em todos estes autores o entendimento do mal pelos povos primitivos, em diferentes continentes, é semelhante.

<sup>10</sup> In Marcel Mauss – Sociologia e Antropologia, SP: Cosac Naify, 2003, pág. 58. Mauss comenta serem os malefícios, como ritos mágicos, expressamente proibidos pela religião, a fronteira entre magia e religião.

isto” ( Is 45,7). Jesus Cristo deixa claro nos Evangelhos “estarem os nossos cabelos contados” e ninguém tem poder nenhum sobre seu destino. Em um hino do Santo Daime está: “Nenhum não se domina, o poder é quem nos leva”.<sup>11</sup>

No Daime a cura pode ser obtida por prece e rogo, invocando a graça de Deus; a mediação diferencia a religião das práticas mágicas, naquela o Divino responde ao pleito da cura e a realiza.<sup>12</sup> O mestre Irineu observou ser possível, pela fé no poder de Deus, curar qualquer doença, com exceção daquelas determinadas pelo Divino a permanecerem.

O rito do Santo Daime está longe de objetivar associar o conjunto dos seus participantes como um sujeito único, ideia subjacente ao “xamanismo coletivo”, ou ser pura e simplesmente uma variação da pajelança ou xamanismo. A individuação é a consequência natural da experiência com o Santo Daime, por isso ele exige fé e estimula à introspecção, o voltar-se sobre si mesmo; como na morte ou no êxtase, estarmos juntos de centenas de outras pessoas pouco altera a natureza da experiência, a miração é sempre vivida como algo único e pessoal, intransferível. Ao tomar o Santo Daime podemos ajudar outros e por eles sermos amparados, contudo a atomização é inevitável, o isolamento existencial, ficar confinado em sua subjetividade, é naturalmente produzido por seu uso. As palavras de São Paulo são ilustrativas: “Só um chega”(1 Cor. 9, 24), o conceito de povo ou de multidão é estranho ao Divino, Ele se relaciona com o indivíduo constituindo-o como tal pela mediação da fé e do amor, proposições ausentes na religiosidade mítica e mágica.

Na magistral e edificante elegia de Abraão, o pai da Fé segundo São Paulo, por Kierkegaard, em “Temor e Tremor”<sup>13</sup>, Fé e individuação são termos correlatos e idealidades do judaísmo e do seu filho dileto, o Cristo. O Xamanismo, coletivo (uma contradição em termos) ou individual, é estranho ao rito e a doutrina recebida pelo mestre Irineu onde cada um deve se apresentar a Deus e responder, em sua interioridade, por seus atos. O Daime orienta cada um a cuidar bem de si; trabalhar, segundo os hinos, significa estimular a relação de cada um consigo mesmo e a sua capacidade de introspecção, ver seus defeitos e lutar contra eles e superá-los. Essa dimensão só pode existir em sua plenitude quando existe um modelo, o Cristo, como paradigma e medida para o juízo. A intercessão por outro é legítima e devemos fazê-la e os rituais de cura, como uma corrente, i.é, como um pedido feito em uníssono, atestam isso, mas a saúde é um dom dado por Deus e só a Ele devemos clamar. No xamanismo, na maioria dos casos, só o pajé faz uso da bebida, cabe a ele ir ao Astral lutar contra o mal e trazer a cura para quem padece<sup>14</sup>, seus “clientes” o procuram preocupados com conflitos com vizinhos, com a sorte na caça, doença, ou usam a bebida para fins de divinação ou buscam vingança.<sup>15</sup> A idealidade do xamã é aquela da religiosidade mítica, mágica, presente na bruxaria e na feitiçaria:

<sup>11</sup> O Hino foi recebido por Maria Damião, contemporânea de Irineu Serra, é o de número 33 no seu hinário (O Mensageiro). No Smirad Bhagavad Gitã, São Paulo: editora Prema, 1989, no livro II, 19 “Aqueles que pensam que o ser vivo é quem mata, e aqueles que pensam que ele é morto, ignoram sua verdadeira natureza - a alma não mata nem é morta”: no livro XVIII, cap. 16 está “... devido a seu conceito irracional o indivíduo iníquo que se considera o único executor da ação jamais poderá chegar a vivenciar a situação real”.

<sup>12</sup> Marcel Mauss, op.cit.

<sup>13</sup> Soren Aabye Kierkegaard – Temor e Tremor – São Paulo: Abril Cultural, 1985.

<sup>14</sup> Ver Luís Eduardo Luna, Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural in O Uso ritual da ayahuasca, op.cit. pág. 179 ss.

<sup>15</sup> Cf. Andréa Martini Aspectos do uso indígena da Ayahuasca entre a família linguística pano no Acre-Brasil, UFAC, 15/10/2016, disponível [dauakaro@yahoo.com.br](mailto:dauakaro@yahoo.com.br). Ver tb os artigos sobre uso indígena da Ayahuasca arrolados, na primeira parte do livro Uso Ritual da Ayahuasca, op. cit. Na coletânea Ayahuasca Shamanism in the Amazon and Beyond (Beatriz Labate e Clancy Cavnar orgs), USA, Oxford University Press 2014, no artigo Materializing Alliances de Pirjo Virtanen está, na pág. 60: The Acknowledged shamans are healers, but sometimes also sorceres ... na pág. 74 está: Many community members learn shamanic skills in order to achieve a healthy body...success in hunting, agriculture, or love affairs.

o judaísmo, com o assassinato de Jesus<sup>16</sup>, e o cristianismo católico e evangélico, com a instituição da Inquisição, foram dominados pela mito e pela magia e aceitaram, ao arrepio dos Evangelhos e da palavra dos profetas, a obsessão pelo bode expiatório, retornando à lógica sacrificial; a ânsia por encontrar culpados era a contrapartida da crença na utopia de ser possível identificar a origem do mal como também suprimi-lo do mundo (esperança risonha e perversa do nazismo e do marxismo), levando Nietzsche a se perguntar: “Contra o quê Cristo lutou? Contra tudo que hoje se chama cristão.”

Oxalá a insuficiência do conceito de xamanismo para explicar a personalidade do Santo Daime tenha sido clara em meu arrazoado, eu mesmo tentei aprofundá-la interrogando o ritual do Padrinho. A história foi significativa para mim, vou contá-la.

## II

Tempos atrás, 27 anos acho eu, assisti uma palestra na primeira sede do Santo Daime (Céu do Mar) fora da Amazônia, no Rio de Janeiro. Destinada a neófitos dispostos a tomar a bebida, a conferência era obrigatória a todos os interessados em participar do ritual, nela os postulantes ouviam a exigência da dieta de sexo e de álcool para o consumo da Ayahuasca e eram advertidos quanto a seu efeito emético/purgativo e esclarecidos quanto ao caráter absolutamente religioso do rito levando parte da assistência a desistir de participar. A certa altura indagaram a expositora sobre a experiência interior quando o Daime nos preenche, referia-se a subjetividade, ao pensamento. A palestrante foi clara: firmar o pensamento no bem e na luz de Deus e quando afetado por angústias ou preocupações, se quiser entendê-las e superá-las, prestar atenção nos hinos cantados, eles as iluminariam. A resposta esclarece o papel central da música, dos hinários, por permitirem uma associação perfeita da subjetividade com o rito. Carl Jung provavelmente consideraria o conúbio do canto com a interioridade uma forma exemplar da sincronicidade, i.é., de uma conexão causal entre eventos aparentemente díspares.<sup>17</sup>

Apesar de mágico, este fenômeno está na Bíblia, a história de Jonas é um exemplo perfeito do conceito junguiano, a visita de Jesus à Nazaré (São Lucas 4,16) é outro, as Escrituras em várias passagens assinalam a sincronicidade; a sua presença no Santo Daime está longe de ser uma novidade e todo membro da irmandade passa por essa experiência, está na natureza do ritual. Quando indagado com seriedade o Daime responde direta e imediatamente como eu mesmo experimentei quando lhe pedi diferenciar o Vegetal, a Ayahuasca e o Daime. Eu fora levado à questão por duas afirmações do Padrinho Irineu, a primeira: “onde o Daime está, eu estou“, proferida quando ele se separou do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento por seus dirigentes terem proibido a bebida em suas reuniões e a outra, dita antes da sua saída deste mundo, onde afirmou “eu sou o Daime e o Daime sou eu”. Na noite de São João, no Céu do Mapiá, cantando o Cruzeiro, o hinário do mestre Irineu, eu o interroguei nestes termos: Senhor, o Santo

<sup>16</sup> Para o caso de Jesus e da transfiguração do judaísmo ver os artigos 9,10 e 11 do livro de René Girard, *O bode expiatório* – São Paulo: Paulus, 2004. Para o catolicismo e a tradição Evangélica e a sua captura pelo pensamento mítico ver o magnífico artigo de H.R. Trevor-Roper, *A obsessão das bruxas na Europa dos séculos XVI e XVII* in “Religião, Reforma e Transformação Social”, Portugal: Martins Fontes, 2003; vale lembrar a observação de Kierkegaard: “Ah Lutero tu ensinastes os homens a vencer com a força do maior número, invertendo o ideal do martírio pregado pelo Novo Testamento” in Kierkegaard, *Diário íntimo* – Barcelona: editorial Planeta, pág. 399.

<sup>17</sup> Cf. C.G. Jung, citado por Alan Vaughan: “Incredible coincidence, the baffling world of synchronicity” – New York: J.B.Lippencourt co. 1979, pág. 16. Ver tb Marcel Granet, “O Pensamento Chinês” – RJ: Contraponto, 1997, pág. 113 ss, os chineses chamavam este fenômeno de “relações regulares entre os seres”. Ver tb “Sincronicidade: a promessa da coincidência” de Deike Begg, SP: Cultrix, 2003, pág. 24, onde sincronicidade é um princípio de ligação não causal.

Daime está nas Escrituras? A resposta foi imediata, ouvi em minha consciência: “Quando chegares em casa, abras o Evangelho e me encontrarás!”.

Em casa, rezei e joguei o Evangelho para o alto, ele caiu aberto, virei-o, estava no capítulo décimo do livro da Revelação mais conhecido por seu nome latino Apocalipse. Como todos sabem este livro é uma sequência de mirações vividas por São João Evangelista; neste décimo capítulo ele relata:

“Vi depois outro anjo poderoso descendo do céu: trajava-se com uma nuvem e sobre sua cabeça estava o arco-íris; seu rosto era como o Sol, as pernas pareciam colunas de fogo e na mão esquerda segurava um livrinho aberto.....A voz do céu que eu tinha ouvido tornou então a falar-me: “Vai, toma o livrinho aberto da mão do anjo..... Fui, pois, ao anjo e lhe pedi que me entregasse o livrinho. Ele então me disse; “Toma-o e devora-o; ele te amargará o estômago, mas em tua boca será doce como o mel”. Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei: na boca era doce como mel, quando o engoli, porém, meu estômago se tornou amargo. Disseram-me então: “É necessário que continues ainda a profetizar contra muitos povos, nações, línguas e reis”.<sup>18</sup>

A minha interrogação foi respondida? Sim, para mim pelo menos, com certeza. O ritual do Daime é a associação da bebida com os hinários recebidos, o livrinho. Todos sabemos: livros não são devorados com a boca, talvez com os olhos, mas a bebida o é. A conjugação dos hinários com a Ayahuasca é o Santo Daime onde a música, o canto, com a bebida, personificam seu ritual.<sup>19</sup> Antônio Gomes um dos principais companheiros de Irineu Serra, no hino número 31 do seu hinário recebeu:

Que Ele veio para ensinar  
A todos seus irmãos  
O que indica neste livro (o hinário)  
Que ele entrega em nossas mãos

Aceitar esta resposta é problemática porque ela confirma – e é bem plausível a alegação - o adágio latino: Quidquid cognoscitur per modum cognoscentis cognoscitur ( o que quer que seja conhecido só é conhecido ao modo do sujeito que conhece<sup>20</sup>. Paciência. O fenômeno da sincronicidade, pode ser classificado como magia e de fato é, mas a resposta dada pelo rito é legítima, apresentando uma outra possibilidade, até agora não aventada, onde as evidências circunstanciais tem muito a dizer; porque a crença absoluta na evidência direta é um preconceito das ciências humanas em geral.<sup>21</sup> Mas voltemos ao livrinho: sendo válida minha experiência, podemos concluir ter sido São João Evangelista o primeiro a tomar o Santo Daime na Terra. A minha miração esclarece também a vocação, do chamado de Deus, de Irineu Serra de replantar santos ensinamentos, independente da cultura, raça ou nação, mostrando, inscrita no Santo Daime,

<sup>18</sup> Apocalipse10, Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>19</sup> Beatriz Labate e Gustavo Pacheco em seu interessante “Música Brasileira de Ayahuasca “ - Campinas, SP : Mercado de Letras, 2009 destacam este traço exclusivo do Santo Daime. Para Santo Agostinho quem canta, reza em dobro. Para os hindus, “Nesta era de Kali, não há outra religião além da glorificação do Senhor através do cantar do Seu santo nome e este é o preceito de todas as escrituras reveladas. Não há outra maneira, não há outra maneira.” Palavras de sua divina graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada in A Ciência da auto-ralização. São Paulo : Bhaktivedanta Book Trust, 1986, pág. 149.

<sup>20</sup> Cf Kierkegaard in As Obras do Amor. RJ, Petrópolis, 2012.

<sup>21</sup> “Na ciência, como nos tribunais, a prova circunstancial não é um substituto inferior para a prova dos olhos e ouvidos: é a própria fundação do conhecimento.” Arthur Maurice Hocart – Kings and Councillors, Chicago: Chicago University Press, 1970, pág. 12 ss citado no livro de René Girard: Um longo argumento do princípio ao fim.” RJ, Topbooks, 2012 – pág. 167.

a racionalidade universalista do Evangelho.<sup>22</sup> Ao recorrer à profecia para responder minha interrogação, o mestre apresenta o Santo Daime como estando desde a eternidade em Deus e em sua mente porque “todas as criaturas já estão pronunciadas na palavra eterna” e agora “chegou o momento de tornar manifesto no tempo a visão de Deus na eternidade.”<sup>23</sup>

### III

Os hinos, alinhados em livrinhos, expressão do espírito e do rito do Santo Daime, são entregues, em alguns casos, em miração, exclusivamente auditivas, sem visão alguma, ou então pelo próprio padrinho Irineu, ou um outro ser, neste caso além de auditiva a experiência de receber o cântico é também visual, a miração é completa. A leitura da letra da maioria dos hinários destaca a figura do padrinho Irineu como o emissor dos hinos e o seu sujeito, a entidade a falar nos grandes hinários da doutrina. Ele se identifica de maneira bastante clara e direta, contando sua história e indicando caminhos e posturas a serem seguidos para se alcançar o aprimoramento espiritual e a salvação.<sup>24</sup> A letra dos hinos é a doutrina do Santo Daime em sua identidade com a ortodoxia cristã, mas também em suas diferenças como vou expor.

Ao final do livro *O Guia da Floresta*<sup>25</sup>, Alex Polari apresenta uma estrofe do hino 39 recebido pelo Padrinho Sebastião Mota, e por ele mesmo censurada para cantar no ritual. Os versos são os seguintes:

O nome está mudado  
Para não dar confusão  
Mudou de Jesus Cristo  
Agora é Juramidã

Quando li o livro do Apocalipse, para encontrar o Santo Daime, acabei por lê-lo todo e, sem querer, encontrei também a resposta, segundo meu entendimento, para a alteração recebida pelo Padrinho Sebastião, presente na profecia de São João Evangelista. Em duas passagens o novo nome de Jesus é prometido por ele mesmo, a primeira, em ap. 2, 17 reza:

“...ao vencedor darei do maná escondido e lhe darei também uma pedrinha branca, uma pedrinha na qual está escrito um nome novo, que ninguém conhece, exceto aquele que o recebe.

Em Ap. 3, 12 está a outra referência:

“Quanto ao vencedor (.....) Escreverei sobre ele o meu novo nome.”

Em um outro hino do Padrinho Sebastião, do seu segundo hinário, o Nova Jerusalém, o de número 18, o novo nome do Pai é apresentado:

Minhas irmãs meu nome é este

<sup>22</sup> Quando o Daime se confinava ao Acre, Irineu Serra ganhou um hino, o 78 onde anuncia: O poder que Deus me dá / para este mundo eu doutrinara/ doutrinara o mundo inteiro/ para todos aprender

<sup>23</sup> Santo Agostinho citado por Mestre Eckhart – Sobre o Desprendimento, São Paulo: Martins Fontes, 2004, pág. 14 ss.

<sup>24</sup> Cf Daime Música, de Katia Benati Rabelo. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em música da Escola de Música da UFMG. 2013, PÁG. 138.

<sup>25</sup> Alex Polari, *O Guia da Floresta*, Rio de Janeiro: Record, 1992, pág. 260.

Aqui vou declarar  
 Meu pai se chama Jura  
 E todos nós somos Midã

Atestando a novidade recebida pelo Padrinho Sebastião, um outro hino, de outra pessoa, conta qual foi a primeira palavra de Jesus após sua ressurreição:

Quando Jesus saiu  
 Domingo de manhã<sup>26</sup>  
 Com o corpo e com a alma  
 Disse: Eu sou Juramidã

O nome Juramidã apareceu pela primeira vez no Santo Cruzeiro, hinário do mestre Irineu, está no hino 111, na última estrofe:

Aqui findei  
 faço a minha narração  
 Para sempre se lembrarem  
 Do velho Juramidã

A renomeação atinge outros seres divinos. No hinário “O Cruzeiro”, no hino 64, nos é apresentada a mudança do nome dos reis magos para Titango, Agarrube e Tintuma. A amiga e secretaria do Padrinho Irineu, Percília Matos também, em seu hinário, recebeu o nome do seu corpo astral, no outro lado da vida, como Cires Midã. Da mesma forma foi transformado o Pai Nosso, a clássica oração evangélica: “Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, VAMOS nós ao vosso reino (.....) e para encerrá-lo, assim como a Ave Maria, orações oficiais da irmandade, deve se recitar os nomes de Jesus, Maria e José.

### III

A mudança do nome do Senhor, dos Santos e das orações, bem como a natureza do ritual, diferenciam o Santo Daime do catolicismo oficial é verdade, mas não o deixam fora da corrente da Igreja, onde por tradição sempre conviveram perspectivas e práticas absolutamente diferentes, do pacifismo e da mística de um lado às ordens militares, por exemplo, de outro. A distinção específica do catolicismo, ao contrário da tradição protestante, é considerar – o enunciado é da filosofia grega - o tempo como a imagem móvel da Eterno. O Criador se revela no tempo, fala por meio dele, o tempo é Ele; declarar a Revelação encerrada, limitada ao texto bíblico, é limitar a soberania do Divino.

Em Ap 10, encerrando aquela passagem, solicita-se a quem come do “livrinho” profetizar “contra muitas nações, línguas e reis”. Presente nos hinários a profecia anuncia o castigo por vir, como paga do pecado, como Jeremias respondeu ao anúncio de paz e retorno dos exilados na Babilônia anunciados pelo falso profeta Hananias: “Os profetas que existiram antes mim e antes de ti, desde tempos imemoráveis, profetizaram a muitas terras e a grandes reinos, a guerra, a desgraça e a peste: o profeta que profetiza a paz, só quando se realizar a palavra do profeta é que

<sup>26</sup> Refere-se ao dia da Ressurreição. A estrofe é do hino 39 do hinário “A Bandeira” recebido por Eduardo Gabrich, fundador e líder do “Céu de Santa Luzia”, em Minas Gerais, durante muitos anos o maior centro de Daime fora da Amazônia

será reconhecido(...).<sup>27</sup> O padrinho Irineu, antes de sua morte, em 1971, esclareceu um dos traços do “balanço” falado nos hinos, ao instigar seus seguidores a plantar onde pudessem, até mesmo em cima de tocos de árvores derrubadas e advertiu: no futuro os cidadãos irão às áreas rurais atrás de comida para comprar e nada encontrarão porque os lavradores nada terão para vender<sup>28</sup>, neste tempo o Daime será escasso, o pouco disponível, será para os iniciantes.

No final da vida de Irineu Serra inexistia, na Amazônia e no mundo, a questão ambiental; várias décadas se passaram antes deste problema emergir como um dos problemas mais sérios de nosso tempo. Mas dez anos antes da morte do padrinho, em 1961, o psiquiatra e religioso suíço, Carl Jung, famoso por seus sonhos premonitórios, teve, antes do seu falecimento, o pior pesadelo de sua vida, quando viu “enormes extensões devastadas, enormes extensões de terra. Mas graças a Deus, não é o planeta todo.”<sup>29</sup> O sonho de Carl Jung reproduz o indicado no livro da Revelação (Ap 8) onde um terço do mar e da Terra serão envenenados, mas o médico provavelmente desconhece essa passagem da Escritura, ele não a associa ao seu sonho. Irineu Serra também não fala das Escrituras para respaldar seu enunciado de crise ambiental porque ele viu na miração.

A profecia do mestre Irineu, o sonho de Carl Jung e as passagens do Evangelho são independentes entre si, mas todos apontam em uma mesma direção e mostram o profetismo em tão diferentes personagens.

#### IV

A associação do Daime com o catolicismo alicerça-se na Revelação contínua e na crença na Trindade e na Virgem Maria, do princípio feminino, como mediadora e rainha dos céus. Maria - a quem Jesus separou das mulheres quando disse: “Aí está João, o maior dos nascidos de mulher” (Mt 11, 7 – 19 e Lc 7, 24 – 35) - foi quem, dentro da Lua, apresentou ao jovem Irineu Serra os fundamentos da doutrina: os hinos, o bailado e o processo de preparo da bebida. Graças à ela a religião deixou de ser uma barreira; a ingestão do “livrinho” permite a quem quer e a quem Deus facultar, chegar à fé como resultado da experiência, sobre isso Carl Jung comentou:

“São Paulo não se converteu ao cristianismo por empenho intelectual ou filosófico, ou por fé, mas pela força de uma experiência imediata. Foi sobre ela que sua fé se construiu, mas nossa teologia moderna vira a situação pelo avesso e sustenta que primeiro devemos crer e depois teremos uma experiência interior.”<sup>30</sup>

O ritual entregue a Irineu Serra facultava a todos a possibilidade desta experiência. O conceito de enteógeno, “Deus dentro”, aplicado ao Daime, só é válido se entendermos o rito - a bebida e a música recebida - como elementos estruturantes da subjetividade, da experiência interior. Esta é a diferença do Santo Daime das “plantas professoras”, naquele há a intervenção, por meio dos hinos, do verbo, i.é., a substância só torna enteógena pela ação da música recebida. Quando se ingere o Daime deve-se estar disposto a obedecer, se submeter a um ordenamento onde nosso controle tem um limite e o apelo à humildade, se conformando e aceitando as exigências do ritual, é o meio para tudo chegar a bom termo. Este aspecto também separa o Santo Daime do xamanismo, naquele o(s) padrinho(s) é como o juiz medieval, observa a regularidade do procedimento; governando a si mesmo sem necessitar de ninguém, o rito dispensa o controle humano, ao

<sup>27</sup> Jeremias 28,8 – Bíblia de Jerusalém.

<sup>28</sup> Em seu hino 83, Irineu Serra recebeu: O Divino Pai eterno/foi quem me mandou dizer/ que eu avisasse aos meus irmãos/ o que vai acontecer

<sup>29</sup> O sonho está no livro Carl Jung curador ferido de almas, de Claire Dunne, São Paulo: Alaúde Editorial, 2012, pág. 244.

<sup>30</sup> Carl Jung in Carl Jung, op. cit. pág. 180



contrário do xamanismo. No Santo Daime a ritualística implica a submissão da vontade e superá-la e suprimi-la é o grande tema das religiões do amor. Como São Paulo discerniu, a vontade é uma faculdade paradoxal: sabemos o certo e praticamos o errado. O apelo feito pelo Daime é cada um combater consigo mesmo, ser capaz de ver seus defeitos e lutar contra eles, lutar o bom combate é possível em um rito onde cada um pode ser deixado entregue a si mesmo sem nem por isso estar desamparado.

São Francisco, muito tempo atrás, instigando seus monges a pregar o Evangelho disse: “se for necessário, usem palavras”. Irineu Serra está nesta trilha, ele endossaria a proposição de Kierkegaard para quem o Cristo instituiu imitadores, não professores, cada um deve reduplicar o Senhor em si mesmo. Apresentar uma teoria é uma coisa, mas Jesus quer iguais, imitadores, perseguindo a perfeição como Ele encarnou. A doutrina do Santo Daime é o cristianismo:

“uma mensagem existencial e só pode ser exposto com a existência. Em suma, existir nele é expressá-lo existindo, i.é., reduplicando-o” (.....)  
 “existir naquilo que se compreende é praticar a reduplicação.”<sup>31</sup>

Essa simetria com a Verdade a necessidade de estar com ela, encarná-la, foi constitutiva da personalidade de Irineu Serra e, como os judeus, ele entendia a plenitude da condição do humano como obediência a Deus<sup>32</sup> e esse foi o motivo por ele nunca ter alterado a revelação da Rainha – ritos e hinos – para agradar políticos ou “embranquecer” sua doutrina para ser aceito.

Pouco antes de sair deste mundo Irineu Serra dirigiu-se aos seu companheiros e, em especial a Leôncio Gomes, e pediu-lhes para não alterarem a doutrina e o seu ritual, ambos prescindiam de remendos; reapresentou para seus seguidores o pedido feito a ele mesmo por Nossa Senhora, no início de sua trajetória religiosa, com relação ao feito do Daime; ela lhe solicitou não passar do ponto por ela determinado para o cozimento da bebida, dando-lhe uma durabilidade ausente no preparo ameríndio da Ayahuasca. Ao longo dos anos o padrinho e seus feitores seguiram esta ordem à risca.<sup>33</sup> A obediência do mestre as determinações do Divino, falando pela Rainha, se traduziram na fidelidade aos ensinamentos dos hinos, sem alterá-los, assim como as normas rituais recebidas. Por tudo isso, estranhei quando li ter Irineu Serra feito alterações na doutrina, em seus ritos e conteúdos, para agradar políticos e obter respeitabilidade e

“buscado em sua NOVA(o grifo é meu, F.Peres) doutrina dar maior importância aos elementos rituais “brancos” católicos ou do espiritismo esotérico minimizando a questão da possessão, às vezes associada ao uso da Ayahuasca na tradição dos curandeiros amazônicos. Seguindo a mesma lógica(...) poderia considerar esta a razão pela qual na doutrina, não há resquício de antigas concepções e práticas xamanísticas e vegetalistas que permitam o uso da força

<sup>31</sup> Kierkegaard in Sören Kierkegaard: textos selecionados por Ernani Reichmann, editora da Universidade Federal do Paraná, 1978. Págs 34 e 306.

<sup>32</sup> “A condição de criatura não é fonte de contentamento, no caso do homem, falta complacência. Existência dramática, não está dividida simplesmente entre as escolhas a fazer entre os desejos, está em tensão entre a Lei que me é dada e minha natureza incapaz de se submeter, sem constrangimento, a ela. O Humano não é a liberdade. O humano é a obediência.” Emmanuel Levinas- Do sagrado ao Santo: cinco novas interpretações talmúdicas. RJ: Civilização Brasileira, 2001. Pág. 140.

<sup>33</sup> Sobre a durabilidade do Daime comparado a bebida índia ver o livro Eu Venho de Longe: Mestre Irineu e seus companheiros de Paulo Moreira e Edward MacRae – Salvador: EDUFBA, 2011, págs. 334 ss

mística de forma moralmente ambígua – como no ATAQUE A INIMIGOS ou na fabricação de FILTROS DE AMOR (grifos meus, F.P.), por exemplo”.<sup>34</sup>

Páginas atrás tentei mostrar o Santo Daime como experiência religiosa. Marcel Mauss apresenta o interdito do malefício nas religiões, como a sua distinção da magia e xamanismo.<sup>35</sup> A idealidade religiosa expressa nos hinos está longe da lógica mítica e primitiva, entendida como “olho por olho, dente por dente” e é neste sentido a locução dos hinos de “replantar santas doutrinas” e “abraçar nossos irmãos e rogar pelos inimigos”. O sacrifício, ventre de toda cultura<sup>36</sup> e de toda violência, foi antagonizado pelas Escrituras judaico-cristãs; ele é a essência da mitologia e do pensamento mágico e como já expressei, se inscreve no xamanismo organizado pelo princípio da tangibilidade do mal e da crença de ser possível afastá-lo e suprimi-lo. Equívocos desta natureza nasceram de uma etnografia/historiografia preocupada com as origens, sem se submeterem ao ritual, aos hinários, prevaleceu o estereótipo de achar qualquer coisa primitiva e estranha ao Cristo como positiva em si mesma.

## V

Para encerrar este artigo contarei algumas histórias sobre o padrinho Irineu e, por elas, buscarei esclarecer o caráter deste homem.

Quando se iniciava na Ayahuasca e visitou os índios manchineri, na fronteira com o Peru, Irineu Serra teve uma vaga indicação quanto a seu valor. Na aldeia, assistindo o pajé cozinhar a Ayahuasca, ele era interpelado pelo xamã com o título de mestre. Neófito no uso da bebida, Irineu Serra se sentiu desconfortável com o título e reclamou do seu emprego para designá-lo levando o pajé a dizer-lhe: digo isto porque o estou vendo dentro da panela.<sup>37</sup>

Daniel Serra, sobrinho do mestre Irineu e responsável, no final da vida do mestre, pela organização dos trabalhos pesados da irmandade contou-me esta segunda narrativa. Um dia, no intervalo do hinário, Daniel viu um grupo de homens com os quais tinha antipatia por se furtarem aos trabalhos duros exigidos pela comunidade e denegriu, em seu pensamento, estes irmãos e se perguntou porque o padrinho permitia a indivíduos como estes tomarem o Santo Daime. Ao final do serviço religioso Daniel foi pedir a benção ao seu padrinho e tio e foi convidado pelo mestre a se reencontrar com ele dentro de três dias. Daniel estranhou o convite mas passado o prazo se apresentou ao mestre, este pediu-lhe para armar duas redes e, concluída a tarefa, serviu o Daime para si e para o sobrinho. Quando a miração chegou, Daniel viu o padrinho Irineu de verde, com as roupas de general, olhando para ele e dizendo: meu filho, eu estou aqui porque amo a todos. Quando a visão fechou, o mestre levantando-se da rede encerrou o trabalho e perguntou a Daniel: gostou?

A terceira história confirma o adágio popular: quem canta seus males espanta. Eu fui o seu sujeito. Em uma celebração eu estava bailando em minha forma e no intervalo entre os hinos ouvi, atrás de mim, assoviarem o hino fora da melodia. Eu ouvira dizer o pouco gosto do mestre por assovios dentro do serviço, por isso voltei-me para trás e disse ao sujeito, sobre o pedido do padrinho Irineu para não se fazer isso durante o hinário. A resposta foi pouco alvissareira: cala a

<sup>34</sup> MacRae, Edward, op. cit., pág 65/66. Em seu outro livro, junto com Paulo Moreira, *Eu Venho de Longe*, op.cit. este juízo radical não reaparece, mas eles situam, na pág. 374, o Daime como uma criação de Irineu Serra: “Acreditamos que o cristianismo encontrado na doutrina do Daime tem origem em uma interpretação própria do mestre Irineu a respeito ... do catolicismo popular às quais teve acesso, mesclados com traços espíritas e esotéricos. “

<sup>35</sup> cf nota número 9

<sup>36</sup> O sacrifício é a origem de tudo cf Marcel Mauss, *Sobre o Sacrifício* - São Paulo: CosacNaify, 2005. Pág. 98.

<sup>37</sup> História narrada por Uruné Manchineri.

boca. Reagi enraivecido, advertindo o sujeito da minha disposição de brigar com ele depois do trabalho (na verdade falei em espancá-lo). Em poucos segundos a música voltou e tentei cantar e não consegui, fiquei completamente mudo e compreendi pela força da miração, para meu horror, ter de pedir perdão para recuperar a voz. Fiquei revoltado e falei, em pensamento, com o mestre: senhor vós vistes como ele me ofendeu e como ele é irresponsável e coisas do gênero. Mas apesar de inúmeros argumentos, para mim plausíveis, nada da voz voltar. Quando o Hinário recomeçou, não consegui cantar, terminado o hino, no intervalo de alguns segundos antes de outra canção começar, meu companheiro de fila pediu-me às horas, respondi-lhe corretamente. Fiquei surpreso por poder falar e julguei ter o padrinho aceitado meu arrazoado, repleto de adjetivos pouco dignos sobre meu antagonista, e devolvido o meu poder de cantar; mas quando a música voltou para minha surpresa permaneci mouco e compreendi: ou me retrato ou cantar será impossível. Engoli meu orgulho e busquei meu contendor fora da sede, para onde tinha ido, assustado comigo e pedi-lhe perdão: fui perdoado e voltei a cantar.

A estória final me foi contada por Guilherme Granjeiro, filho de Francisco Granjeiro um dos homens mais próximos de Raimundo Irineu Serra. Ela ocorreu com uma terceira pessoa cujo nome omito por não tê-lo encontrado e pedido sua licença para citá-lo. Este homem usara drogas pesadas e sentindo-se mal e temendo pela consequência de seus atos recebeu tomar Daime: tomou um tanto e nada, logo depois outra dose e nada e, segundo Guilherme, o homem foi bebendo quantidades cada vez maiores sem obter resultado algum em deter a ação da droga consumida. Ao se dar conta de ter bebido um litro de Daime este homem desmaiou e viu seu espírito se separar do corpo e subir, subir. Quando deu por si estava em um lugar desconhecido, em sua frente estava o padrinho, em seus dois metros de altura, com seu cajado na mão, lhe perguntando se sabia aonde estava; sem conseguir responder este homem ficou quieto e o padrinho mesmo respondeu: estás no céu, onde está todo primor. Mas ali, falou o mestre, e o homem seguiu o seu olhar e viu um buraco horrível, está o inferno. Apavorado, sentindo seu corpo inteiro vibrar, o homem voltou-se para o padrinho para pedir-lhe para não cair no buraco. No mesmo instante o mestre levantou a mão e ele sentiu seu corpo ser sugado pelo buraco e começou a cair, cair, e veio parar aqui. Curado.

Fernando Peres é graduado em História (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com mestrado e doutorado em ciência política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), estudou filosofia da História na Alemanha, na Universidade de Bielefeld, sob a orientação do Professor Jörn Rüsen e Reinhard Koselleck. Transferiu-se da Universidade Federal do Rio de Janeiro para o Acre por conta da Ayahuasca e na Amazônia ocidental viveu sempre em comunidades ayahuasqueiras. Atualmente ensina antropologia na Universidade Federal do Acre e coordena o bacharelado em Ciências Sociais desta universidade onde estuda a relação entre religião e plantas enteógenas, em particular o Santo Daime.